



## Depois do Além

Naquela manhã de domingo, Sortudo e Passarinho, a consumirem uma dose suculenta de cacusso, a conversa começou diferente aos tempos exageradamente políticos, sobre fulano, rico, sem aspas (o ricaço e os nomes que daqui em diante usarei nesta crónica são fictícios). Ao folhearem a página necrológica do *Jornal de Angola* todos fixaram o olhar sobre a imagem do velho Mbaxi Pardal, pai de vinte e cinco filhos, dentre eles o famoso João Pardal, homem de negócios

Carmo Neto

Do falecido sabia-se dono de imenso rebanho. A abundância financeira tinha o parto na venda de pilões, bebidas tradicionais e carne de caça. Antes da era do frango congelado distribuía fartas galinhas de capoeiras domésticas pra todos.

Ao redor da casa, da terra generosa colhia ervas bastante e sobrava espaço pra nutrir gado que lhe dava o sabor da carne fresca a sangrar. As suculentas mangas também desprezavam a fome. E era com o primeiro canto do galo que iniciava seu trabalho. Foram assim gerados os vinte e cinco filhos com três esposas. No país de nascimento restam cinco. Outros afugentados pela guerra e bem sucedidos na carreira profissional vivem noutros mundos, em busca de património pessoal.

Não causaria fúria a notícia fosse anúncio de fim de vida do João Pardal, porque actor de vida exagerada. Quarto filho da terceira mulher do falecido, brincava com os pecados carnis, tanto assim, que vivia da desculpa permanente de ter sido atraído pelo doce da boca da prima, aparentemente, todo zozzo, também alegava, culpa da atmosfera eléctrica, causada pelo decote da blusa da prima.

- Virou a cara. Mas seus olhos encontraram os dela - contava ele acrescentando: e outra vez ela virou a

cara rapidamente. Os botões da blusa assustados abriram-se. Farejei o sutiã. Caímos abraçados no chão. Disse-me depois que ela estava grávida.

Era no entanto um patrocinador de ideias de amplos futuros. Um jovem promissor sem aspas, embora dissessem naquele tempo partilhasse com algumas pessoas o consumo da liamba. Nunca gostou de se apetrechar de tristeza. Tinha uma biblioteca. Infelizmente agora com mais ratananas que leitores!... Também tinha uma gaiola de pássaros e um papagaio que sabia falar

abaixo a pequena burguesia. Ainda atarantado com a gravidez da prima quando os raios solares impunham a temperatura além dos vinte e cinco graus, aproveitava fintar o calor com ar fresco, no terraço de casa, e nunca esquecia o chapéu de palha de abas largas "made in Angola" com desenhos do Kalupeteka, que envelheciam o seu rosto.

E a seguir porque nunca gostou de acumular incumprimentos decidiu telefonar de cara mais séria pra prima a aceitara autoria da gravidez e assim saudaram o décimo segundo filho do João Pardal.

Acabada de regressar de Portugal, Lena de olhos africanos que sondavam o irmão, João Pardal, sem mesmo sobrenome familiar, porque a correr, foi levada pra Europa em mil novecentos e setenta e cinco. Era-lhe cedido livre trânsito e sempre a gritar. Mais uma dentre várias presenças.

Ainda a falar alto, pesada depois de lhe ser apresentada gente da mesma aldeia do falecido pai, algumas senhoras idosas apareceram a saltar e a bater com os pés no chão. Impressionada quis saber se aquilo também

era dança kizomba?!...

- Não. Não. Epá! - exclamou um fulano idoso. - É uma forma de afastar os maus espíritos, pra distrair a tristeza.

Em excesso, mas preciosa prestação ao óbito, dia seguinte, exigiu do irmão que saíssem pra compra de flores pra o funeral. Pensava ele fosse também pra afugentar a dor, mesmo porque já antes disse não regressaria sem levar suculentas mangas.

A caminharem inesperadamente questionou:

- Então? Quê faremos com os prédios, terrenos,

carros e a quota no Banco Kitadi, do papá?

De humor alterado, quase sem poder respirar como se tivesse asma, respondeu:

- Desconheço. O papá deixou a casota onde nascemos. Sobre o que falas são todos meus bens. Vá lá ficar com a casa do papá se outros manos e manas deixarem.

Pôs a mão sobre o rosto. Todo seu corpo soluçava e não mais falou a irmã, enquanto o irmão cheio de revolta íntima denunciada pelo rosto enrugado, já no local do óbito depois de curta ausência contou a ocorrência ao amigo Passarinho e ouviu as seguintes palavras dele:

- Não é só este assunto nos dias correntes. Muitos países já acautelam os conflitos dos óbitos com empresas que garantem todo trabalho e serviço depois do além. Pagas um valor mensal até concluir o total, pra o teu funeral a sonhares com Deus ou o diabo. Escolhes cor, qualidade de urna anti-salalé ou não. Com ou sem copo de água e outros etecetras escolhes enquanto ainda vês e respiras.

Surpreendido João Pardal contestou.

- E quem vai me acompanhar? A primeira, segunda ou terceira esposa?

- Ó João Pardal mesmo se deverão ou não aparecer decotadas. De mini saia ou não no cemitério; seria boa matéria para os nossos legisladores (deputados) tratarem. Le gislarem ou não!...

Mahezu, ngana!



## FAMÍLIA CLAMA POR APOIOS

# “Bangão despertou tarde para a vida”

“Nem tudo que brilha é ouro”, diz o velho ditado. Desde que o cantor Bernardo Jorge “Bangão” partiu para a eternidade, há cinco anos, aos 53 anos, vítima de doença na África do Sul, a sua família tem enfrentado inúmeros problemas financeiros. Para trás ficou uma longa carreira dedicada ao Semba. Mas a vida recheada de sucessos artísticos do “Papá”, para os mais próximos, ou Bangão para os demais, lamentavelmente foi construída sobre “castelos de areia”

EDIÇÕES NOVEMBRO



Manuel Albano

**No dia 17 de Maio** de 2015 o país recebia, incrédulo, a notícia de que Bangão partia para nunca mais voltar. Se hoje estivesse em vida o cantor seria, seguramente, presença obrigatória nos principais espectáculos, online ou não, realizados no país.

Cinco anos depois, a campa de Bangão, localizada no cemitério do Alto das Cruzes, em Luanda, ainda não é definitiva e está ao “abandono”, revelou ao *Jornal de Angola*, com profunda tristeza, uma das viúvas, Felipa João José, mãe dos primeiros filhos do cantor. “Bangão gostava de calulú com feijão de óleo de palma, mas o que aparecia na mesa ele comia”, disse tia Felipa, actualmente desempregada.

Bangão não deixou património. Quando decidiu fazer alguma coisa pela família, segundo a viúva, já não teve tempo.

“Há quem pense que o Bangão deixou um império, que deixou a família bem, financeiramente, mas não é verdade. Na percepção de muitos, Bangão deixou bens materiais, o que também não é verdade. Estamos a passar por inúmeras dificuldades financeiras”, lamentou tia Felipa.

A casa onde actualmente Felipa José vive com os filhos é herança dos pais de Bangão, situação que a preocupa bastante. Ela tem sobre si o fardo de cuidar dos seis órfãos.

Nos últimos anos da sua vida, recordou a viúva, Bangão pensava em mudar de bairro para dar outra qualidade de vida à família, mas

isso ficou pela intenção. Apesar das dificuldades, dona Felipa nunca perdeu a fé. Ter casa própria para dar mais conforto à família é o seu principal sonho.

Dona Felipa acredita ainda existirem, no país, pessoas de boa-fé que lhe possam oferecer uma residência, mesmo que seja no Zango. Agradeceu o gesto solidário do cantor Puto Prata, que há dois anos ofereceu aos órfãos do cantor duas bolsas de estudo. Mas uma das filhas este ano, infelizmente, não se matriculou, por falta de condições financeiras e pela longa distância a percorrer do Sambizanga até ao Prenda.

“Bangão gostava de plantas e animais, são esses os presentes que eu mais recebia. Oferecia-me passarinhos, pombas-correio, rolas, porco índio e coelhos.

Ele tinha paciência de cuidar das plantas e dos animais”, contou a viúva.

Dona Felipa diz que tem sabido conviver com a dor de não poder ter mais o Papá. “Bangão foi um pai e irmão, não tinha inimigos. Tratávamo-nos por Papá e Mamã”. Nos tempos livres, acrescentou dona Felipa, “Bangão tirava sempre um tempo para o lazer e para transmitir conselhos aos filhos”.

Felipa José deu a conhecer que os fatos, chapéus e outros adereços exibidos por Bangão nos espectáculos estão guardados, para, possivelmente, fazerem parte de uma casa-museu. “Há algumas iniciativas, de pessoas amigas, que pretendem criar uma casa-museu, mas até agora está tudo parado”.

**Amigo dos filhos**

Para Clemente José Martins

Correia, primogénito de Bangão, o seu pai era uma pessoa divertida e gostava de partilhar as suas vivências com a família. Sentindo-se privilegiado por ter tido a oportunidade de trabalhar com o pai, Clemente Correia conta que Bangão chegava a actuar sem cobrar caché nas festas dos amigos. “O pai não parecia, mas era acanhado e não gostava de mendigar ou pedir favores a ninguém. Ele sempre nos disse que devemos viver de acordo com aquilo que ganhamos”.

O cantor chegava a trabalhar por amor a camisola. Muitas vezes não lhe pagavam. “Bangão foi um patriota e não um mercenário que só trabalha por dinheiro”, defendeu o primogénito.

“Papá”, recordou Clemente, com nostalgia, “sempre disse que o pai do vizinho

também é nosso pai e que deveríamos respeitar os mais velhos. Sempre que pudesse nos levava a passear e para irmos chupar gelado”.

Bangão nunca forçou os filhos a entrarem para o mundo da música.

Depois da sua morte, a família teve de se desfazer de alguns pertences seus. Os carros foram vendidos e alguns dos fatos menos relevantes distribuídos entre os familiares.

“O meu pai foi um exemplo de cantor de sucesso que despertou tarde para a vida”, lamentaram, amargamente, o filho e a viúva. A viúva descreve Bangão como um “homem de discurso directo, simples e que brincava com todos. Era uma pessoa muito divertida e amiga dos filhos. Tinha sempre tempo para conversar e passear com eles”.

## KINTINO, AMIGO DE INFÂNCIA

## “Deixou a sua marca na música popular”



## O que tem a dizer sobre o Bangão?

Foi um artista que despontou nas décadas de 70 e 80, e que deixou a sua marca indelével na música popular angolana. O nome Bangão ele carregava desde a infância. Desde criança que o pai o vestia com fatos para ir à igreja. Era muito vaidoso e gingava. As pessoas na rua comentavam sempre a sua forma de ser, por isso, chamavam-lhe Bangão.

## Como o conheceu?

Bangão foi meu colega e delegado de turma na primária na Escola 11, no Sambizanga. Foi quando ele se apercebe que eu estava a aprender a tocar guitarra, por influência do meu pai Sebastião Quingueno (falecido) e dos irmãos mais velhos Paulo Sebastião Jesus e Bento Sebastião (falecido). O meu pai tinha aprendido a tocar com o seu patrão português. Em 1974/75 Bangão vivia no bairro Brás, por trás da casa da minha mãe. Sempre que pudesse obrigava-me a ir “roubar” a guitarra do meu pai, com ameaças de me bater caso não fosse. Assim fomos nos familiarizando.

## O que aconteceu com a chegada da Independência?

Com a chegada da Independência Nacional muitas famílias desestruturaram-se e voltamos a nos reencontrarmos em 1977. Nessa fase regressamos já com um grupo de amigos do bairro, composto por Man Pedrito, Zezinho Noy, Zé Abílio (falecido) Man Chupas (falecido) e o André Lua (falecido). Estávamos com 16 ou 17 anos e decidimos formar o grupo de adolescentes denominado “Os foguetões”. Experimentávamos tocar música popular, por influência dos grandes grupos como Os Jovens do Prenda e Os Kiezos, que actuavam no Centro Recreativo Kudissanga Kuamakamba. Bangão sempre foi vocalista e já cantava

em kimbundu. Depois começamos também a participar no programa infantil “Futuro da Nação”, da Televisão Pública de Angola. O Yuri Simão era um dos apresentadores do programa.

## Quais foram as grandes transformações que o grupo sofreu?

Com o passar do tempo, tivemos de alterar o nome, por sugestão de um produtor da TPA, que reconhecia o talento na forma como o grupo tocava as músicas de raiz. Então decidimos atribuir ao grupo o nome “Tradição”. Tocávamos muito nos óbitos e já chegamos a ir ao Porto Kipiri. O grupo começou a ter aceitação no bairro e fomos crescendo. Bangão sempre foi um gran-

de compositor. Muitos dos seus grandes sucessos como “Kalumba Selecta” e “Sembele” são composições antigas, das décadas de 70 e 80, que só despontaram nas décadas de 90 e 2000. Começamos a receber convites para animar as festas de bairro, mesmo no Sambizanga. Depois fomos cumprir o serviço militar. Em 1991 e 1992 nos reencontramos para gravar o primeiro trabalho de Bangão em cassete, denominado “Emoção”, nos Estúdios da CTI da Rádio Nacional de Angola. Neste primeiro trabalho toquei viola solo, ritmo e baixo nos temas “Sembele”, “Minga” e “Fonseca”. Participaram também o Canhoto (viola baixo), Romão (baterista), Lanterna (piano), Morante e Tony

Cafala (coros), Luís Garcia e Kito (produção executiva), Decale (apoio) e Moisés Demba (gravação). O trabalho tinha 13 temas. Nesta altura Bangão já era o “mais querido” do Sambizanga.

## Foi nessa fase que Bangão decidiu ir para os Gingas?

Integramos, em substituição dos antigos elementos, o agrupamento “Progresso de África”, do mais velho António de Caxito, no Sambizanga, com Bangão (voz), Zé Abílio (viola ritmo), o meu irmão Jesus (viola baixo), Pedrito “Alaito” (bateria) e Kintino (viola solo). O Eduíno entra em substituição do meu irmão. Estávamos na euforia de tocar nos grupos e aceitávamos todos os con-

vites. Tivemos ainda passagem rápida pelo grupo “Nzo Yami”, do mais velho Adão, que já tocava no Ségulas, nos anos 70 e 80. É nessa altura que Bangão vai para os Gingas e começa a trilhar outros caminhos, fazendo dupla com Guilhermino. Depois de alguma sustentabilidade dos Gingas, Bangão decidiu fazer carreira a solo, nos anos 90. Estive na produção musical de 90 por cento dos grandes sucessos de Bangão. Quando fundamos a Banda Movimento, em 1999, Bangão integra a banda como vocalista e grava, em 2000, o tema “Kinjila”, distinguido como “Semba de Ouro” pela União Nacional dos Artistas e Compositores (UNAC).



## Perfil de Bangão

**Dono de uma longa** e rica carreira artística, Bernardo Jorge Martins Correia “Bangão” é um dos músicos mais referenciados do mercado nacional, fruto, sobretudo, dos seus dois últimos discos “Sembele” e “Cuidado”.

Exímio executante do estilo Semba, no suporte textual das suas canções apresenta narrativas autênticas de ocorrências do quotidiano angolano. Na sua carreira artística passou pelo agrupamento “Tradição”, em 1974, e de 1976 a 1977 integrou, como vocalista, o grupo “Processo de África”, com Guncha (tumbas), Artur Décimo (viola baixo), Alaito (bateria) e Abílio (viola ritmo). No entanto, a sua primeira grande aparição pública ocorre a 18 de Outubro de 1978, como integrante do grupo “Os Gingas Kakulo Kalunga”.

Em 1996 venceu o prémio Liceu Vieira Dias, com o tema “Kibuikila” (Peste), acompanhado pela Banda Movimento. Em plena ascensão na carreira, Bangão é convidado, em 1999, a fazer parte da Banda

Movimento, sempre como vocalista. No mesmo ano, ganhou a primeira edição do concurso Semba de Ouro, com a canção “Kangila” (Pássaro agoirento) e afirmou-se como cantor e compositor com inequívocos créditos firmados.

O ano 2003 consagrou Bangão como um dos maiores intérpretes da música popular angolana. Neste ano, no Top Rádio Luanda, ganhou os prémios Música do Ano, com o tema “Fofucho” e Voz Masculina do Ano. Foi ainda reconhecido com o Prémio Preservação, pela sua incessante defesa da música popular angolana. Em 2005 venceu o Top dos Mais Queridos, da Rádio Nacional de Angola (RNA).

Nascido a 27 de Setembro de 1962, no bairro Brás, no actual distrito urbano do Sambizanga, em Luanda, onde deu início à sua carreira musical. Bangão participou em espectáculos em Portugal, Argentina e Namíbia. No Brasil dividiu o palco com o cantor Gilberto Gil.



## NA ONDA DOS “LIVES”

# Um achado chamado “Os Jovens do Prenda”

Na sequência dos concertos online em clima de confinamento e aproveitando a disponibilidade que o Youtube e outras plataformas digitais oferecem, achamos o “live” dos Jovens do Prenda no Show do Mês. Na verdade não foi necessário fazer uma busca, dias depois do espectáculo, que ocorreu na tarde do primeiro sábado de Maio, eram várias as notificações e comentários nas redes sociais a descrever o acontecimento que ilustra essa evolução dos quintais do Prenda às plataformas digitais



Analtino Santos

**O ritmo** característico da Orquestra Os Jovens do Prenda, denominação assumida pelos seus integrantes e admiradores, está bem em evidência nas plataformas digitais. Orquestrada pela presença das quatro guitarras e a grande influência que tem de formações como Lipolipo, TP OK Jazz, African Fiesta e outras, da então República do Zaire, actual RDC. Os Jovens do Prenda, chamando a si o slogan de animação “Este ritmo é só nosso”, fizeram um desfile musical com mais de duas dezenas de temas, das centenas que têm gravados. Mostraram a identidade do seu som com condimentos de todas as variantes da Música Popular Urbana Angolana, que, por comodismo, muitos chamam Semba. Os elementos

do conjunto, bem como os seus admiradores, dizem que os Jovitos não são só Semba. E enfatizam: “Este ritmo é só nosso”.

Repetindo o formato da edição anterior do Show do Mês, Kizua Gourgel foi chamado para conduzir um painel de convidados que contaram as suas vivências e histórias relacionadas com Os Jovens do Prenda. Maneco Vieira Dias, homem do Prenda e animador cultural, Miguel Tumba, em representação dos seguidores do Show do Mês e admirador do Jovitos, e Dom Caetano, que teve passagem no conjunto como vocalista, foram os protagonistas da sentada. Assim foi preparada a animação em primeira mão para uma tarde de sábado, penetrando na tradição do funge do almoço de fim-de-semana, muitas vezes acompanhado com música

angolana. Os afeccionados da formação musical, que muito a propósito adoptou, há muito, a máxima “Quem procura acha”, podem encontrar facilmente o registo do concerto no Youtube ou no Facebook.

O concerto, propiciado pela parceria entre a Brasom e a Nova Energia, realizou-se no espírito de outra máxima dos Jovens do Prenda, “Quem ajuda é ajudado”, pois serviu para mitigar a carência material dos músicos e para dar conforto aos amantes da música nesta fase de confinamento. Importa realçar que outras iniciativas online bastante mediatizadas, com a participação de artistas jovens associados a grandes marcas, estão a ser realizadas para angariar fundos para ajudar a população mais vulnerável.

A presença dos Jovens do

Prenda na VII Temporada do Show do Mês tem um simbolismo que não escapou aos mais atentos, pois foi exactamente há três anos, na III Temporada, que a formação musical consumou a sua reunificação, depois de quase uma década com os seus integrantes divididos em duas alas. Foi depois do concerto da reunificação que o público votante do Top Rádio Luanda apostou nos Jovitos, que foi catapultado a vencedor na categoria Melhor Show, derrotando artistas que na altura conquistavam as pistas de dança e produziam os seus principais sucessos.

#### Sem intriga nem inveja

Entrando no concerto propriamente dito, a escolha para a abertura recaiu sobre “Manhã de Domingo”, um dos instrumentais mais apreciados da orquestra, que caiu



muito bem, pois foi executado, entre outros, pelos três guardiões da mística do conjunto: António Imperial Baião, Didi da Mãe Preta e Augusto Chacaya, que mostraram toda a “pulungunza” da batida dos Jovens do Prenda. Estes “papoites”, como carinhosamente os trata Benjamim, o baixista, estavam acompanhados por Zé Mueleputo (solo), Zé Luís (guitarra rítmica), João Diloba (bateria), Eurico Sandombe (teclados), Esteves Bento (tambores), Tony do Fumo Júnior e Miau, estes dois nos vocais. Esta é a constituição actual da Orquestra Os Jovens do Prenda. A inclusão, nos sopros, de Mambuya Samuel (trombone), Gabriel Mumpambala (trompete) e Sansão Elamba (saxofone), jovens provenientes da escola Obra Bella, foi um bom reforço.

Sempre que Os Jovens do Prenda sobem ao palco ou quando as suas músicas e de artistas que tiveram a sua instrumentalização, tocam, sente-se a genialidade e o virtuosismo da malha dos solos de Zé Keno. Um outro Zé, que não é de Malanje, o Mueleputo, foi “entronizado” pelo mestre ainda em vida e tem a missão de manter a sonoridade característica do conjunto. E ele, mais uma vez, tocou, solou e encantou, reproduzindo os originais, mas deixando a sua marca de benguelense. Kizua Gourgel, rendido, reconheceu a peculiaridade de Zé Mueleputona guitarra.

Uma outra marca dos Jovitos foi, e será Chico Montenegro, membro-fundador e um dos últimos tocadores de bongós na música angolan

lana. O artista, que faleceu em Outubro do ano passado, 51 anos depois da fundação do grupo, não deixou de ser recordado. Teve um momento só seu. Considerado o Rei do Bolero Angolano, os seus sucessos ficaram resumidos numa rapsódia que juntou “Teté”, “Kalumba” e “Lucinda”, ficando de fora “Bolero Jovem”, “Isabel” e “Jienda jia Luanda”, para não mencionar outros lamentos que marcam a sua carreira.

Augusto Chacaya tem sido o vocalista principal da orquestra, nestes últimos anos, e encantou interpretando temas conhecidos. Da sua passagem pelos Ases do Prenda nasceu “Santa Yami”, que levou para os Jovitos e tem apresentado ultimamente com outro andamento. “Aubé”, “Sandra”, “Makamé” e “Jienda Já Anami” fizeram parte das propostas do artista.

Os temas marcantes dos finados vocalistas Gaby Monteiro, Zecax e Tony do Fumo foram interpretados por Tony do Fumo Filho e Miau, artistas que dão segurança como continuadores do legado. O primeiro, nos seus momentos, soltou os sucessos que marcam a trajectória artística do seu pai, fundador do conjunto com “Waxibaba”, “Kikola” e outros temas. Miau prendeu as atenções com canções como “Comboio” e “Bela” e na rapsódia dedicada a Chico Montenegro, em que partilhou a interpretação vocal com Tony do Fumo Filho e João Daloba, o baterista.

Se a passagem de guitarristas notáveis como Zé Keno, Mingo, Constantino, Canhoto, Kintino e Charles, foi deter-

minante na fixação da rítmica, outra marca da Orquestra Os Jovens do Prenda é a disponibilidade dos instrumentistas para cantar. Foi assim que João Daloba (bateria), Esteves Bento (tambores), os guitarristas Zé Luís e Baião actuaram, respectivamente, nos temas “Linguidon”, “Kandima”, “Tendinha” e “Nguende Ni Ubeka”.

As apostas instrumentais agradaram. Têm passado positivamente pelo crivo dos internautas que acessam o concerto. Nas já citadas “Manhã de Domingo” e “Floresta”, com Zé Mueleputo e Baião, que voltou a brilhar em “Kikola”, os executantes demonstraram habilidade nos solos. Em “2000” as guitarras de Zé Luís, homem do ritmo, e de Mueleputo, dialogaram com os metais, com Gabriel a corresponder àquilo que Massy e companheiros sopraram nos anos 80.

Como na primeira edição, Kizua Gourgel conduziu a conversa e Dom Caetano teve uma participação muito além do dikelengo. Recuou para a segunda metade dos anos 80 do século passado com “Kadio Mané”, “Tia” e a interventiva “Nova Cooperação”. Yuri Simão e Ilídio Brás pensam “repetir a dose”, atendendo ao confinamento e com a clara intenção de deixar o conteúdo na Internet, para a posteridade. Mais uma vez, a presença dos Jovens do Prenda agitou as redes sociais e aqui o destaque vai para os jornalistas consagrados Graça Campos, Salas Neto, Kajibangala, Gilberto Júnior e Isaías Afonso, que descreveram o passeio musical dos Jovitos com bastante mestria.



## Percurso carregado de mística

**A Orquestra Os Jovens do Prenda** é uma das formações mais antigas do nosso cenário musical. Foi fundada em 1968 pelos amigos Zé Keno, Chico Montenegro, Toni do Fumo, Verry Inácio, Zé Gama, Luís Neto e Didi da Mãe Preta. Mas tudo começou em 1964 com Os Jovens do Catambor, que mais

tarde juntou-se aos Jovens da Maianga, passando a Jovens do Prenda em 1968, por sugestão de Manguxi, dono do Salão Braguês, no Sambizanga.

Depois da paragem em 1974, regressou ao activo em 1981, apoiado pelo empresário Kangongo. Com vários singles lançados antes

da Independência, Os Jovens do Prenda fizeram o suporte instrumental a vários artistas individuais.

O grupo tem os discos “Música de Angola, Jovens do Prenda”, de 1982, mais tarde reeditado como “Mutudi”, “Samba-Samba” (1992), “Kudicola Kwetu” (2003) e “Iweza” (2010).

Sucessos como “Farra da Madrugada”, “Samba-Samba”, “Nova Cooperação”, “Ilha Virgem”, “Sandra”, “Aiuê Ngongo”, “Isabel”, “Mexilhão”, “Mutudi” “Jienda ni ubeka”, “Angélica”, e outros, fazem parte da memória musical angolana e universal.

Nos últimos dois anos

perdeu dois dos seus membros fundadores, Zé Keno e Chico Montenegro, além do guitarrista Charles e o vocalista Mizinga. Tem ainda no activo figuras históricas como Didi da Mãe Preta, António Imperial “Baião” e Augusto Chacaya, que partilham a experiência com os mais jovens, já que car-

regam em si a mística dos Jovens do Prenda. Considerada uma das maiores escolas para os executantes da música angolana, pela formação passaram artistas como Kintino, Zecax, Mingo Canhoto, Twely Bamba, Romão Teixeira, Julinho Vicente, Joca, Dom Pirakanda, Zé Luís, Dom Caetano e outros.

### YURI SIMÃO

## “Somos os pioneiros dos lives”

“**A Nova Energia** foi a primeira empresa a fazer concertos online, há 7 anos. O nosso grande objectivo é ter o maior espólio de música angolana ao vivo na Internet e de forma a imortalizá-la. A nossa motivação é que os consumidores do futuro possam ver os artistas de hoje e do passado a actuarem com a qualidade e exigência necessárias. Sempre achamos que ter o Show do Mês é importante para a memória colectiva de todos nós.

Os momentos são de adaptação. Um músico numa performance muito grande e não sentir os aplausos do outro lado... Temos de conviver com isto. Temos de continuar a produzir, dar trabalho aos músicos e mostrar

aos nossos parceiros que é possível continuar a dar cultura às outras pessoas. Quem não consegue passear ou ir ao cinema pode continuar a ouvir música, ter acesso a literatura e a outras actividades artísticas que fazem parte das nossas vidas. É isto que estamos a tentar dar às pessoas. Estamos a dar cultura às pessoas.

Promotores, artistas, público, provedoras de Internet, ninguém estava preparado, todo o mundo está a adaptar-se. A questão da legislação também, pois é preciso salvaguardar os direitos dos artistas. Sempre reclamamos da Internet, mas nestes momentos de pico de consumo as pessoas estão a re-

clamar menos. É normal que alguns lives tenham falhas, mas devemos parabenizar as provedoras de Internet, porque algumas pessoas têm internet 24/24 horas.

Quanto às vantagens e desvantagens, tudo depende do que se quer do live. Por exemplo, se for um live solidário, em que as pessoas se doam para fazer o bem, penso que não há desvantagens. Quem produz tem sempre um custo de produção. Quanto a contrapartidas financeiras, quem puder ter apoio, tudo bem, quem não puder faz pela sua presença no mercado. Penso que é um momento mais de dar do que de receber, de plantar para colher depois”.



## ARTESÃOS DO LUBANGO NO NOVO NORMAL

# Sobreviver da arte de fabricar balaaios

Com a coxa direita amputada apoiada sobre a muleta, Laurindo Vicente, 45 anos, tem a atenção virada para a agulha. A perna foi-lhe amputada depois de ter sido atingido, durante a guerra, por uma bala no Gove, município da Caála, província do Huambo. A fama de Laurindo Vicente começou na década de 2000, quando enveredou pelo fabrico artesanal de balaaios para a agricultura

ARÃO MARTINS | EDIÇÕES NOVEMBRO



Arão Martins | Lubango

**Natural do Namibe** e morador do bairro Valódia, no Lubango, Laurindo Vicente tinha clientes oriundos dos municípios de Caluquembe, Caconda e Quipungo, zonas tidas como tradicionais no cultivo do milho, massango, massambala e café. Hoje (até pouco antes do Estado de Emergência) quando visita um parente ou amigo, principalmente nos bairros periféricos da cidade, vê com satisfação os balaaios e quimbaldas por si fabricados a decorar as lojinhas e as casas.

Laurindo Vicente confecciona balaaios para sua própria sobrevivência. Ele conta que era muito jovem quando aprendeu a profissão. O cumprimento obrigatório do serviço militar fez-lhe interromper o exercício da profissão durante algum tempo. Depois de ser-lhe amputada a perna, regressou

ao convívio familiar na província do Namibe. Dadas as circunstâncias da vida, foi obrigado a rebuscar a antiga arte de fazer balaaios.

O processo de fabrico de balaaios tem início com a selecção do bambu, caniços, palha de milho e palmeiras. Na escolha das plantas a espessura certa é fundamental, explica Vicente ao *Jornal de Angola*, acrescentando que o bambu é cortado às fitas e passa por um processo de secagem. As fitas depois são tecidas.

O fabrico de cada balaio, esclarece o artesão, demora, em média, entre uma e duas horas, dependendo do tamanho e espessura. A esposa do artesão Laurindo Vicente conta que a agilidade para confeccionar balaaios é resultado de muito tempo de trabalho. Ela diz que o seu marido consegue fabricar 4 a 5 peças por dia.

O artesão, por sua vez, diz que na família o ofício

começou com um tio e depois foi seguido por irmãos, sobrinhos e filhos.

Laurindo Vicente adaptou a tampa da fossa, num canto da casa arrendada onde vive, e é lá que fabrica os seus artefactos. O balaio custa entre mil e mil e 800 kwanzas, dependendo do tamanho. Se antes o negócio rendia bem, nesse período de quarentena, reconheceu, a realidade é outra. “Os clientes vêm uma vez a outra, por causa da quarentena. Atualmente, a prioridade é comprar alimentos”.

A realidade atrapalha as contas de Vicente, que aplica parte dos rendimentos na renda da casa. “Vivo numa casa de renda. Pago 2.000 kwanzas mensalmente. Para ter o dinheiro é sacrifício. O dono cobra sempre. Às vezes o mês não terminou e o proprietário já vem cobrar”.

**Decorativo e funcional**

Pai de dois filhos, Laurindo

Vicente explicou que para bordar os balaaios usa fitas de atados de balão de fardo. As duas primeiras fases do Estado de Emergência complicaram-lhe o negócio, tudo porque o comércio do fardo deixou de fazer parte dos serviços mínimos prestados.

Mariano António, 50 anos, é outro artesão de balaaios, vive no bairro Joaquim Kapango. Ele refere que o balaio é uma cesta que era muito usada para carregar e armazenar comida. Tem também o *status* de peça decorativa e funcional dentro de uma casa.

O bambu, que abunda em vários municípios da província da Huíla, é fácil de ser encontrado e também é de fácil manuseio. Com ele é possível criar diversos objectos, inclusive o cesto, que é uma peça feita artesanalmente e é usada pelas donas de casa para organizar as roupas, tanto as sujas como

as limpas. Com o cesto, salientou Mariano António, “tudo fica no seu lugar, sem preocupações”.

Mariano António fabrica também balaaios de palha de milho, mais fácil de manusear que o balaio de bambu. “A palha de milho é mais mole”, justifica.

O Estado de Emergência devido ao novo coronavírus veio complicar a vida dos artesãos. Mariano António explicou que para ter material é preciso deslocar-se, mas o confinamento social complicou tudo.

“Sou deficiente da perna. Para ter material contava com a ajuda de amigos, a quem comprava a preço módico. Vivo com a esposa e três filhos. Faço balaaios só para remediar a vida. As dificuldades não acabam. Para mim, o importante é conseguir algo para comer”, disse.

Os balaaios e os cestos têm grande procura, reconheceu

Madalena Nangombe, que vive no bairro Valódia desde 1977. Ela reconhece a qualidade dos balaaios e cestos feitos pelos artesãos da sua área de residência. As pessoas chegam de longe para comprar os artefactos, cada vez mais usados para efeitos decorativos.

O balaio, segundo explica, é um cesto grande e redondo, que pode ser feito de diversos materiais. Frisou que, com o passar do tempo, o balaio foi perdendo a função de guardar e carregar coisas, substituído por artigos de plástico com ares modernos e mais sofisticados.

“Vivemos próximo de uma zona industrial, onde estão concentrados armazéns que vendem materiais de plástico. Mesmo assim, hoje em dia, o balaio voltou com força, por ser uma peça útil nos mais variados ambientes e funções. Como, por exemplo, na separação do milho pisado do farelo”.

## Artesãos recebem ajuda

ARÃO MARTINS | EDIÇÕES NOVEMBRO

Os artesãos dos bairros Valódia, Joaquim Kapango e Ferrovia, nos arredores da cidade do Lubango, receberam, recentemente, ajuda em bens alimentares, no âmbito da gestão da Covid-19. A iniciativa foi da Comissão Técnica Provincial de Combate à Pandemia. Além dos artesãos, o processo abrangeu antigos combatentes e veteranos da pátria, viúvas e portadores de deficiência.

Felismina Caluvi, 90 anos, recebeu alimentos. Em nome da avó, Mariana Caluvidisse que a doação foi uma surpresa. “Não sabíamos de nada. Vivo com os meus netos, filhas e avó. Por causa do novo coronavírus tudo tornou-se difícil. A doação surgiu em boa altura”.

Paulo Samba, beneficiário do bairro Joaquim Kapango, é operador de máquina giratória (Caterpillar). Trabalhou na Empresa Nacional de Pontes durante 23 anos. Em 1993 foi despedido. Desde lá, nunca mais encontrou emprego. “A antiga direcção tirou-me da empresa e o meu caso suscitou muitas

dúvidas. Os antigos colegas interrogaram-se sobre o meu caso, já que eu era um técnico que ensinava os outros”.

Com três filhos e 13 netos, Paulo Samba afirmou viver de biscates. “Faço biscate de construir casas. Com a chuva, não há serviço. O mal é roubar. Quem precisa limpar o quintal, eu vou. Tudo o que faço é para desenrascar a minha vida. Com a doação, agradecemos”.

O soba do bairro Valódia, Manuel Tchambassa, disse que a principal preocupação da comunidade é a falta de água. “Não temos sonda. Às vezes partilhamos água com o gado no mesmo rio. O bairro tem muitas pessoas”.

O soba mostrou-se satisfeito pelos alimentos entregues pela Comissão Técnica de Combate à Pandemia da Covid-19. “Na qualidade de autoridade tradicional, o nosso subsídio demora algum tempo. Desde Janeiro até finais de Abril ainda não caiu. Com esse apoio que recebemos as crianças vão dormir satisfeitas”, disse.



## 13 mil famílias vulneráveis

ARÃO MARTINS | EDIÇÕES NOVEMBRO

O administrador municipal do Lubango disse ao *Jornal de Angola* que mais de 25 mil pessoas já beneficiaram de apoio, no âmbito da Covid-19. Informou que no Lubango estão cadastradas 13 mil famílias em situação de vulnerabilidade. “Não temos capacidade de dar alimentos a toda a população do Lubango, o plano é contemplar os grupos mais vulneráveis (idosos, deficientes físicos, portadores de VIH/Sida e crianças em lares)”, esclareceu Armando Vieira.

Informou que, no quadro do apoio às pessoas vulneráveis, as autoridades estão a dinamizar as cozinhas comunitárias para atender os mais necessitados. Referiu que existem as cozinhas comunitárias dos bairros Ferrovia, Kuawa e Comercial, bem como os centros de recolhimento do projecto “Criança feliz”, situados nos bairros Calumbiro e Tchavola.

No Magistério Primário estão concentradas crianças e jovens de rua, que beneficiam de apoio e acompanhamento. “Todos os centros estão a merecer um tra-

tamento especial da Administração Municipal e do Governo Provincial”, garantiu Armando Vieira.

O administrador explicou que as cozinhas comunitárias já funcionam muito antes da Covid-19 e que vai ser feito “um sacrifício” para as manter funcionais “mesmo depois da pandemia”.

### Antigos combatentes

A província da Huíla tem mais de cinco mil antigos combatentes e veteranos da pátria. Destes, 1.007 estão em situação de vulnerabilidade nos diferentes bairros do Lubango. As administrações comunais fazem um monitoramento permanente dos mais necessitados.

A directora do gabinete provincial dos Antigos Combatentes e Veteranos da Pátria, Verónica Rito, informou que a instituição “conhece bem as condições dos assistidos” e que, no âmbito da assistência recorrente aos mais vulneráveis, foi criado um espaço para lhes fornecer a cesta básica.



## RECONCILIAÇÃO DOS ESPÍRITOS

# Músicos cantam em memória das vítimas dos conflitos políticos

Uma constelação de estrelas da nova e velha gerações do mercado musical angolano integra o projecto “Abraçar e Perdoar”, criado no âmbito dos trabalhos da Comissão Nacional para a Implementação do Plano de Reconciliação em Memória das Vítimas dos Conflitos Políticos ocorridos em Angola, desde 1975 a 2002. Os músicos interpretam a canção produzida para marcar esse momento reconciliatório. A produção é da Karga Eventos, de Big Nelo, e as vozes são de Ary, Bambila, Carlos Lamartine, Dom Caetano, Filho do Zua, Gersy Pegado, Jeff Brown, Margareth do Rosário, Massoxy (Banda Movimento), Matias Damásio, Puto Português, Sabino Henda, Selda, Walter Ananás, Yannick Afroman

## ABRAÇAR E PERDOAR

Somos filhos da nossa mãe: Angola  
Que todos aprendemos a amar  
Abrimos o coração para abraçar  
Esquecer as mágoas e nos perdoar  
Como compatriotas e cidadãos  
Mas antes de tudo como irmãos

A guerra já terminou e a paz das  
armas chegou  
Vamos curar as feridas e rancores  
do passado  
Para reclamarmos a reconciliação  
que triunfou  
E não mais sentirmos o espírito  
tão pesado

Vamos nos abraçar meu amigo  
Frente a frente, olhos nos olhos  
Estamos juntos, estou contigo  
P'ra juntos continuarmos o legado  
Deixados pelos nossos mais velhos  
E construirmos Angola lado a lado

Tu erraste, eu errei, nós errámos  
Arrependidos, vamos nos perdoar  
Varrer as cinzas e nos abraçar

Vamos recuperar a esperança  
Construir a nossa grande nação  
Sem reservas, ódios ou vingança  
E cantar com amor esta canção

Vamos nos unir e juntar as mãos  
Rogar a Deus por nós nas orações  
Para ele nos dar força, meus irmãos  
Paz e amor nos nossos corações

